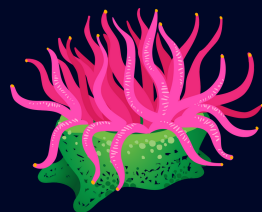


Uma aventura marinha

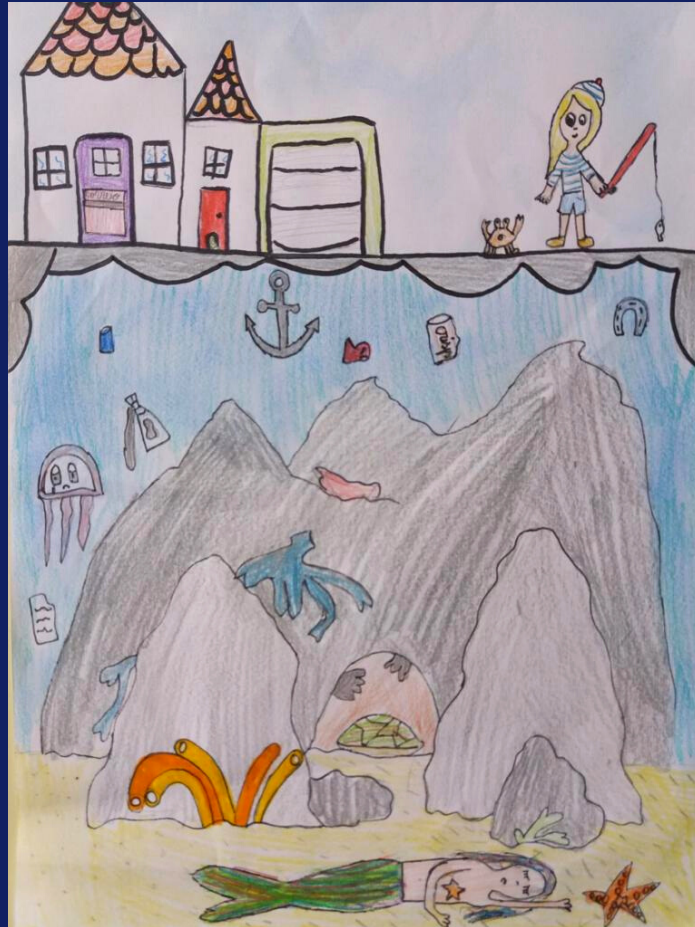




Autores e Ilustradores
Alunos do 4º ano
Agrupamento de Escolas do Concelho de Caminha



CAPÍTULO 1



Num grande vale, junto ao mar, protegido a norte por uma linda serra, existe uma vila piscatória chamada Vila Praia de Âncora. Nessa vila vive uma menina de nove anos chamada Lola.

Lola é muito simpática, amável, preocupada com o futuro do planeta e o seu passatempo preferido é pescar.

Num belo dia decorria o mês de maio, Lola pegou na sua cana de pesca, no seu pequeno balde com isco, na sua lancheira e, muito feliz caminhou até à praia de Moledo, pensando que ia encontrar por ali os seus amiguinhos que há muito tempo andavam desaparecidos.

Lola já os tinha procurado por todo o lado, desde a nascente do rio Âncora no cimo da bela Serra D'Arga até à sua foz em Vila Praia de Âncora, no Forte da Lagarteira, na praia da Gelfa e na mata do Camarido, na praia da Foz em Vilarelho, no Pego na margem do rio Coura em Venade, nas rochas de Moledo, na margem do rio Minho em Seixas e até em Lanhelas que é a última freguesia a norte do concelho. E nada! Nada!



- Que teria acontecido ao Peixe Gigante? E ao Tubarão Tapioco? E ao Sushicat? E à linda e colorida sereia Mirabela e ao Barco Amaldiçoado? E à Médica Coelha do Mar? – Pensou a menina com preocupação.

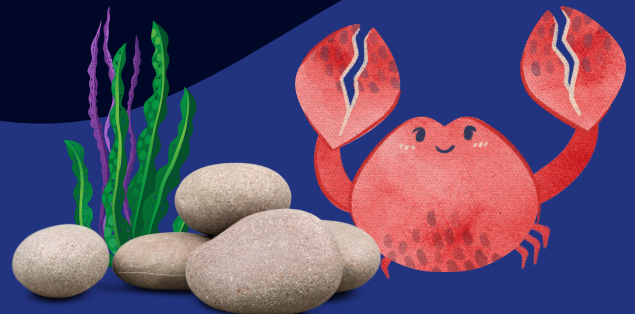
Caminhava assim absorta nos seus pensamentos quando de repente, na praia de Moledo, mesmo em frente à Ínsua avistou o caranguejo Juliano a correr desesperadamente de trás para a frente e até a tropeçar, o que não é normal para um atleta como ele.

Lola aproximou-se e perguntou-lhe:

- O que se passa Juliano?

- Ai Lola! Ai Lola! Não sei o que realmente se passa, mas o Sushicat contou-me que o fundo do mar está cheio de seres muito estranhos que nos atacam e magoam – Respondeu o Juliano com muita tristeza.

- Não me digas! E como são esses seres? – Perguntou Lola.



- Uns são amarelos, verdes e de muitas outras cores e alguns até são transparentes. Há de várias formas, tamanhos e espessuras, mas todos nos magoam. - Respondeu ele muito infeliz.

- E os nossos amiguinhos? - Perguntou Lola com preocupação.

- Eu não sei! Há muito tempo que não os vejo, mas um pescador disse-me que a Mirabela está muito doente e já não canta como antes. - respondeu Juliano.

- Temos que saber quem são esses terríveis seres e expulsá-los das águas do nosso planeta! - Explicou Lola.



CAPÍTULO 2



- E como pensas descobrir quem são esses seres terríveis? -
questionou o Juliano.

- Vou procurar a Médica Coelha do Mar, ela saberá
identificar esses seres terríveis e ajudar a curar a Mirabela. Pede
ao pescador que fique perto dela até nós chegarmos. - disse a
Lola.

Lola decidiu ir procurar a Médica Coelha do Mar junto ao
forte do Cão em Âncora, pois era o único lugar onde ainda não
tinha procurado os seus amiguinhos. Quando lá chegou,
conseguiu avistar a Médica Coelha do Mar que andava a recolher
algas mágicas que curavam feridas e gritou bem alto:

- Médica Coelha do Mar! Médica Coelha do Mar! Andava à
tua procura porque a Mirabela está doente e precisamos de
descobrir quem são os seres terríveis que estão no mar e que
magoam os animais que lá vivem.



A Médica Coelho do Mar foi com a Lola até à casa do pescador, onde também estava à espera o Juliano. Quando lá chegaram, o Juliano ficou muito aliviado e disse:

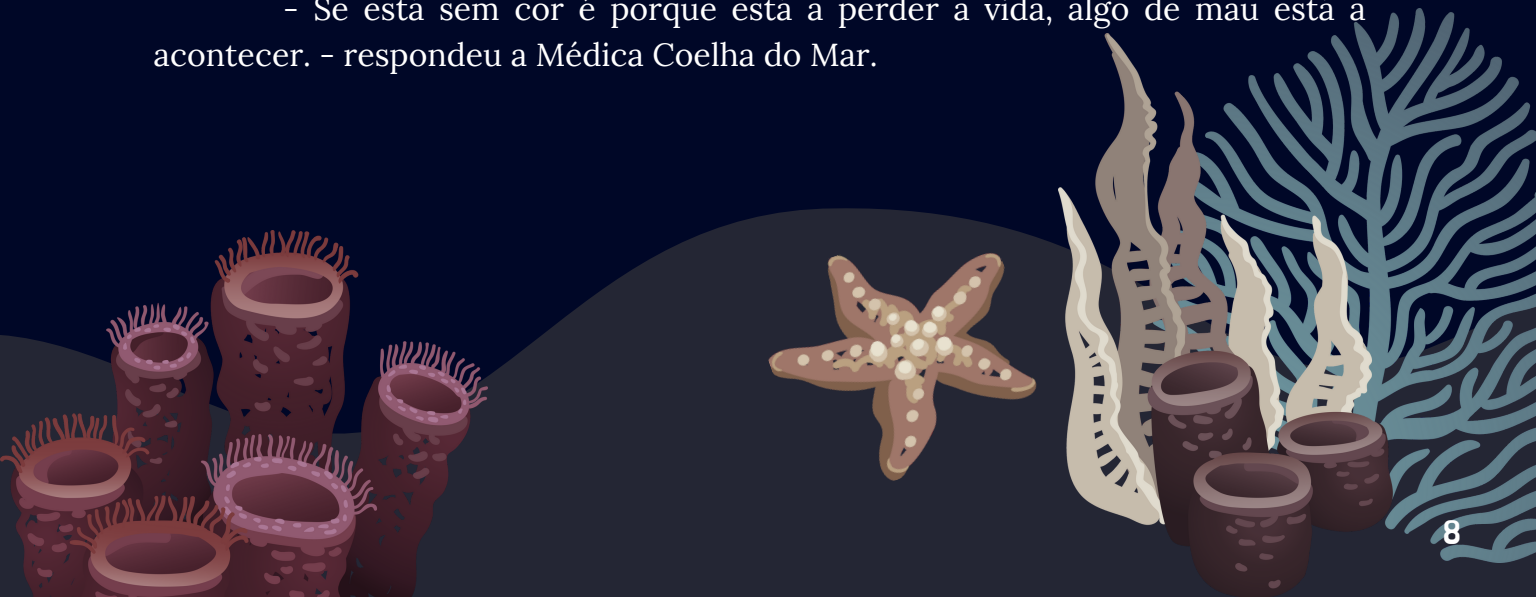
- Ufa! Estava a ver que nunca mais chegavam. Vão rápido, a Mirabela precisa de vocês!

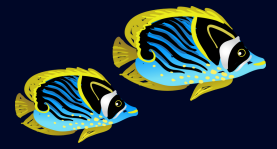
A Lola e a Médica Coelho do Mar pediram ao pescador para lhes dizer onde podiam encontrar a Mirabela. O pescador deu-lhes todas as instruções e avisou-as que deviam ter cuidado com os seres terríveis que andavam a magoar os animais marinhos.

No caminho até à sereia Mirabela, a Lola questionou:

- O que se passa no fundo mar? Está tudo a perder cor! Já viste como estão estes corais?

- Se está sem cor é porque está a perder a vida, algo de mau está a acontecer. - respondeu a Médica Coelho do Mar.





Chegaram até à Concha Real, um lugar bonito, colorido e com um enorme jardim de corais onde habitavam as mais diferentes espécies marinhas. Era aqui que vivia a Mirabela e onde o Sushicat se encontrava a fazer companhia à sua amiga.

- O que se passa contigo, Mirabela? - Perguntou a Médica Coelha do Mar.

- Ela não consegue falar, está a perder a sua força e as cores da sua cauda estão a desvanecer. - Respondeu o Sushicat.

- Vou ter de a examinar para perceber o que se passa com ela e prescrever a melhor receita.

Depois de algum tempo de espera, a Médica Coelha do Mar descobriu que a Mirabela tinha uma grave alergia à poluição que existia em grandes dimensões no fundo do Mar.

- E o que podemos fazer? - Perguntou o Sushicat.

- Podemos ajudar? - Perguntou a Lola.



CAPÍTULO 3



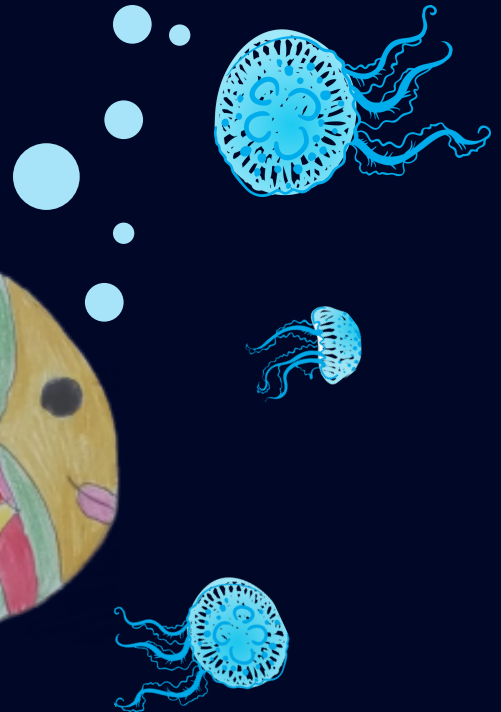
- Bem, na minha opinião, devem realizar uma investigação sobre a poluição que está a fazer tão mal à nossa amiga e aos corais! - Respondeu a Médica Coelha do Mar.

Rapidamente, a Lola lembrou-se de chamar o Peixe Gigante e o Tubarão Tapioco para os ajudar, pois eles conheciam bem as redondezas. Quando eles chegaram e ficaram a saber do que se estava a passar, puseram logo “barbatanas à obra”.

Todos os amigos procuraram e investigaram durante algum tempo, até que alguém reparou numa enorme mancha no oceano...

Seria uma serpente marinha?

Seria um monstro marinho?



Com algum receio, aproximaram-se e descobriram que afinal não se tratava de nenhum monstro, mas sim de restos de petróleo e hidrocarbonetos. Olharam uns para os outros e questionaram quem teria feito aquilo.

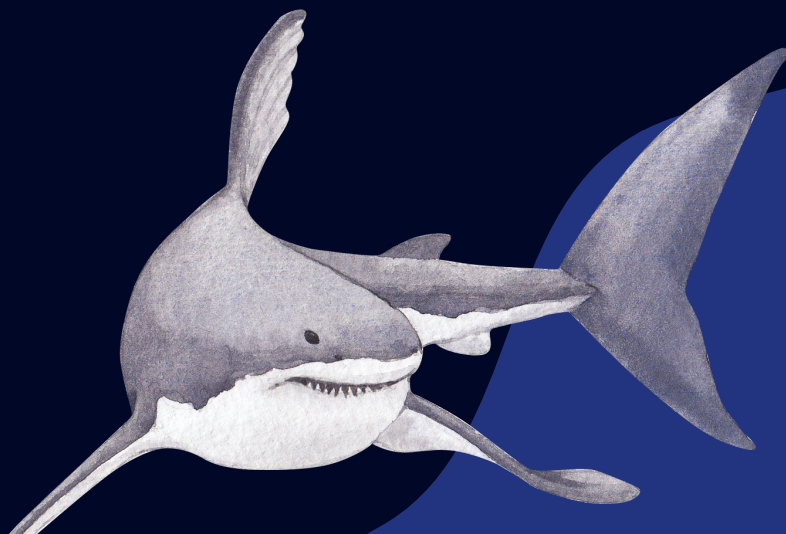
De repente, o Tubarão Tapioco avistou alguma coisa e disse:

- Olhem, está ali um navio petroleiro! E está a lavar os tanques!

- Mas não é proibido e ilegal fazer isso em alto mar? - perguntou o Peixe Gigante muito admirado.

- Sim, efetivamente os navios não podem fazer isso, pois prejudicam a vida marinha! - Disse a Lola muito indignada.

Todos os amigos estavam muito aborrecidos com a situação e começaram a pensar em soluções para este problema.



Pensaram, pensaram... e o Sushicat teve duas brilhantes ideias:

- Já sei!!!!

- Vamos chamar o nosso amigo Barco Amaldiçoado! Ele vai dar um grande susto àquele capitão malvado do navio petroleiro! E logo de seguida chamamos a Marinha Portuguesa e a Polícia Marítima!

- Que belas ideias! - exclamaram todos com entusiasmo.

Quando chegou ao local, o Barco Amaldiçoado pôs-se logo em ação. Aproximou-se do navio poluidor e com o seu aspeto assustador pregou um valente susto ao capitão e à sua tripulação. Todos os amigos se riam sem parar com a situação tão engraçada, pois eles sabiam que o Barco Amaldiçoado não fazia mal a uma mosca!

Ao mesmo tempo, a Marinha Portuguesa e a Polícia Marítima chegaram ao local, tendo rebocado o navio petroleiro para o porto mais próximo e feito a limpeza da mancha de petróleo.





- Tivemos um final feliz, não foi Médica Coelha do Mar? - questionaram todos em unísono.

- Infelizmente o problema da Mirabela e dos corais ainda não está resolvido. - disse a doutora muito triste.

O mistério continua... e mais aventuras esperam estes grandes amigos. Quem seriam aqueles seres terríveis que magoavam todos os seres marinhos? Quem estaria a provocar as alergias da Mirabela?



CAPÍTULO 4





Entretanto chegou uma amiga chamada Raia Mágica. O colorido do seu corpo chamava a atenção. Era uma raia exótica cor de laranja com riscas azuis, vermelhas e amarelas, outras pretas (estas, bem mais finas).

Além da sua beleza física, a raia era muito curiosa. Cresceu nas profundezas do mar, num ambiente saudável, mas estava já na adolescência, na idade das aventuras, do “sei tudo”, mas não sabe nada, do “eu quero”, do “eu vou e pronto”.

Um belo dia a Raia Mágica, desobedecendo às ordens da sua mãe, nadou para longe de casa para acompanhar um cardume de peixes migratórios. Ela achava engraçado nadar entre aquele amontoado de peixes, aparentemente sem destino. Esta ação impensada deu-lhe uma pequena dor de cabeça, pois brincou tanto com os peixes daquele cardume que perdeu a noção do caminho de regresso a casa.

Um pouco assustada, a raia olhava à sua volta e só via peixes desconhecidos. A água do mar não era tão transparente como a água que ele conhecia. Que lugar era aquele? Onde estão as anêmonas? Por que era tão curioso? O seu espírito aventureiro só lhe traria contratempos.



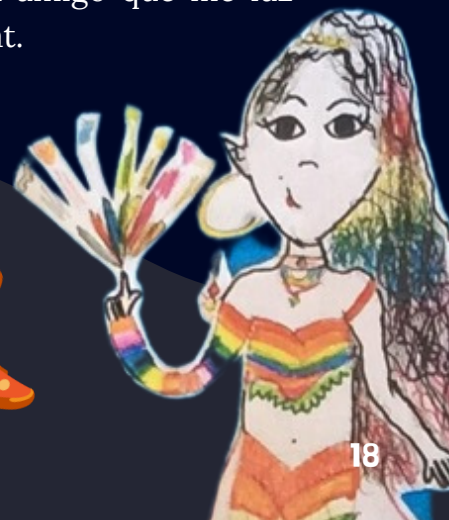
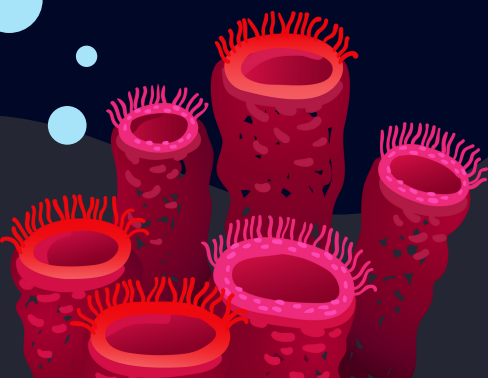
Enquanto isso os pais da raia e o seu amigo Peixe Gigante, estavam preocupados por ele ainda não ter regressado das suas aventuras. O peixe costumava dizer-lhe para ter cuidado e para não explorar lugares desconhecidos, pois o reino das águas era imenso e cheio de perigos.

A Raia Mágica, foi nadando, nadando até que chegou a um lugar colorido e com um enorme jardim de corais. Estava muito envolvida nos seus pensamentos, a apreciar os recifes de corais quando ouviu uma voz:

- Quem és tu? De onde vens?

- Sou a Raia Mágica. Vivo no Reino das Águas Profundas e é de lá que eu venho! - respondeu a raia deslumbrada com a beleza da sereia.

- Eu sou a Mirabela! Vivo na Concha Real e este é um amigo que me faz companhia! - exclamou apontando com ternura para o Sushicat.



A Raia Mágica ao observar o olhar triste de Mirabela perguntou-lhe o motivo da sua tristeza. A sereia não respondeu e quase a chorar baixou os seus olhos brilhantes. Sushicat aproximou-se e respondeu pela amiga:

- Mirabela está doente! Será que tu consegues ajudá-la?

Ao ouvir tal pergunta, a raia arregalou os olhos e com a mania que sabia tudo, mas sem nada saber, respondeu logo com prontidão:

- Claro que sim! Isso é a coisa mais fácil do mundo!

Olhou em seu redor para ver o que podia fazer. Ela não queria mostrar a sua ignorância. Procurou uma solução, mas nada conseguiu.

De repente ao olhar para os corais, deparou-se com o seu amigo Peixe Gigante, mais conhecido pela sua sabedoria, força e coragem. Então, a raia ao vê-lo correu ao seu encontro, para o abraçar, apresentou-lhe os novos amigos e contou-lhe o que se passava.

Sushicat esboçou um sorriso com a esperança que o peixe pudesse ajudar. “Será que ele pode ajudar?” Era essa a pergunta que bailava na sua cabeça. Lendo os pensamentos do Sushicat, a Raia Mágica perguntou:

- Tu que és sábio e tão viajado consegues ajudar a Mirabela?



O peixe ao ouvir a pergunta, pensou uns minutos e respondeu:

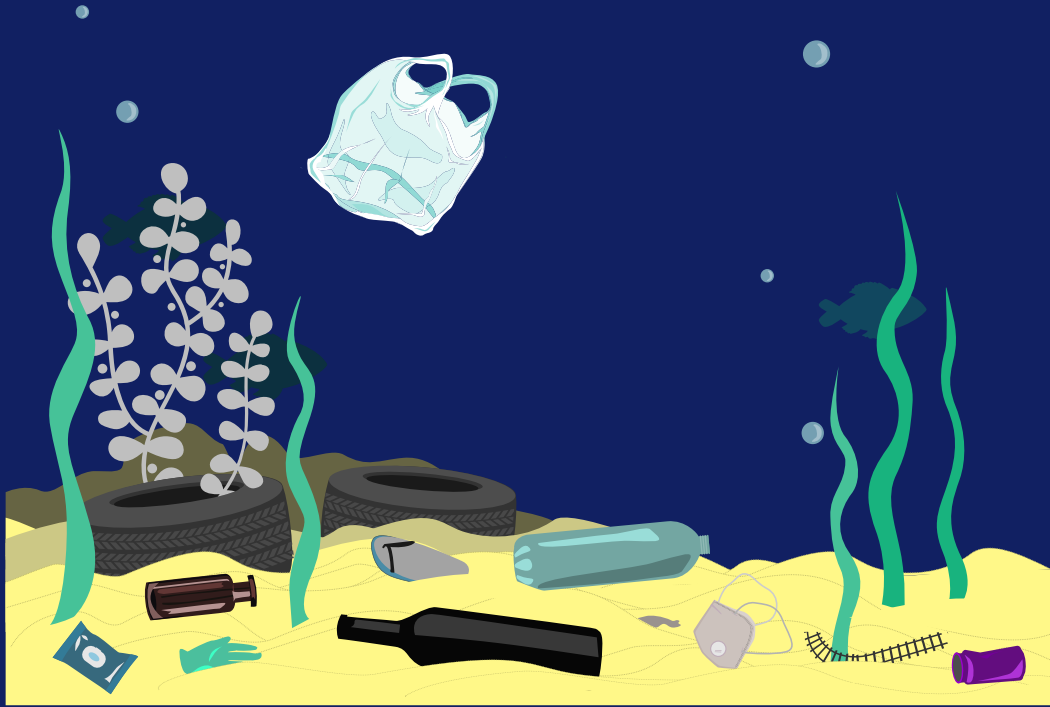
- Tenho pena de não te poder ajudar, querida Mirabela! Nas minhas inúmeras viagens, nunca conheci o tratamento para o teu problema e, infelizmente, a minha sabedoria não é suficientemente grande para te curar, mas a ti, amiga Raia Mágica, vou indicar-te o caminho de regresso a casa. A tua família está preocupada contigo. - continuou o Peixe Gigante.

Naquela noite, ambos dormiram em casa da Mirabela. Pela manhã, logo que o sol iluminou as águas do mar, a raia abraçou a sereia com as suas barbatanas multicolors e pediu-lhe desculpa por não a ter ajudado. Despediram-se e passados aqueles instantes de intensa emoção os amigos partiram. Enfrentaram ondas agitadas, passaram por um túnel de águas geladas, perto de um abismo do fundo mar, e ao se desviarem foram sair no território dos tubarões. Por sorte não havia nenhum por ali. Nadaram rapidamente e finalmente estavam próximos de casa.

Enquanto isso a Mirabela esperava que alguém surgisse para conseguir ajudá-la. Estava cada vez mais fraca e os corais estavam a perder as cores. Ela sabia que o mar é grande e guarda inúmeros mistérios, mas tinha a esperança que surgisse um milagre para todos.



CAPÍTULO 5



Entretanto a Médica Coelha do Mar, que continuava preocupada com o estado de saúde da Mirabela, reuniu todos os amigos na praia de Moledo onde a Lola estava a pescar.

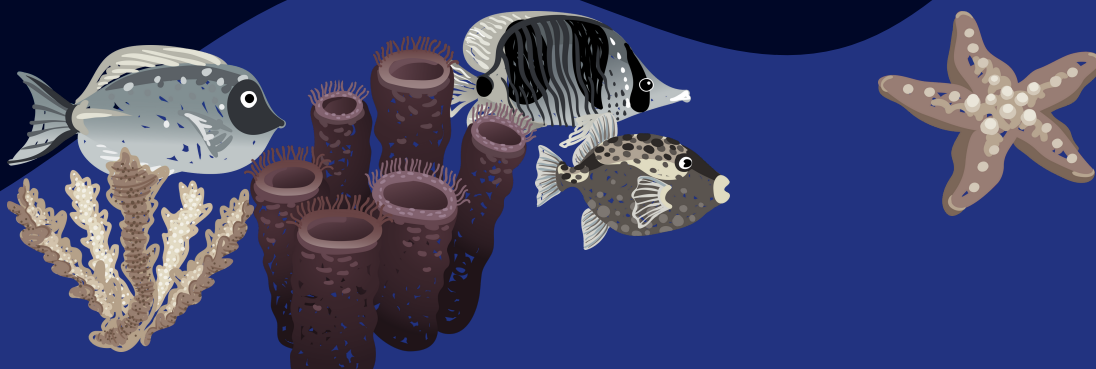
- Amigos, a Mirabela está muito fraca e eu ainda não descobri como a curar. Preciso da ajuda de todos! – pediu a Médica Coelha do Mar.

Depois de muito pensar, a Lola pediu aos seus companheiros para continuarem atentos e tentarem capturar algum desses seres misteriosos. E ela foi para casa pesquisar sobre o assunto.

Já na Concha Real, enquanto todos pensavam numa estratégia, eis que chega o peixe Gigante com novidades.

- Amigos, amigos, ... acabo de chegar do Reino das Águas Profundas. Pelo caminho encontrei muitos desses seres misteriosos e nos locais onde eles estavam haviam peixes e corais tão doentes como a nossa sereia.

- Então são esses seres que estão a deixar a Mirabela e os corais doentes?
- questionou o Tapioco.



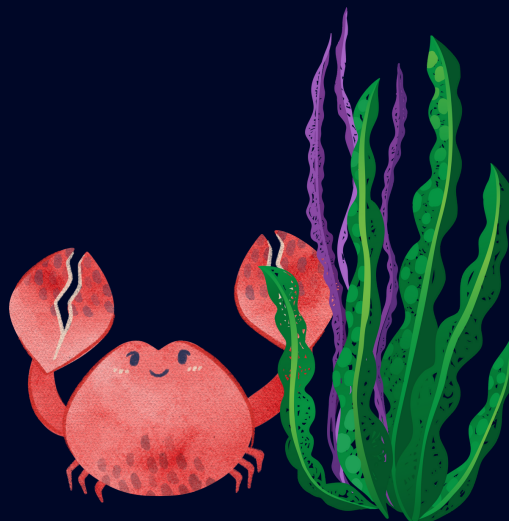
- Calma! Temos que ter a certeza e por isso, temos que continuar com a nossa investigação.

- Durante o período de tempo em que fiz companhia à Mirabela, observei que os seres misteriosos se fixavam nas algas e nas rochas. – Disse o Suchicat.

O Peixe Gigante, como era inteligente, propôs ao grupo que o caranguejo Juliano se escondesse nas algas e cortasse, com as suas pinças, a alga onde os seres ficassem agarrados.

E assim fizeram, logo que o Juliano cortou a alga, a Médica Coelha do Mar, apanhou-a e fechou-a dentro de uma concha. Imediatamente e com muito cuidado levaram a concha até à praia de Moledo, onde os esperava a Lola.

- Lola, Lola, conseguimos capturar um ser misterioso. – disse a Médica Coelha do Mar entregando a concha que tinha na mão.



- A Lola pegou na concha e abriu-a. Ao ver o que estava lá dentro, reparou que já o tinha visto nas suas pesquisas e informou:

- Já sei! Já sei! São microplásticos.

- O que é isso de MICROPLÁSTICOS?! – perguntou o tubarão.

- São pedaços muito pequenos do plástico que o Homem não recicla e não reutiliza. – explicou a Lola.

- Então estão a poluir o mar? – questionou indignado o Peixe Gigante.

- Sim, segundo as minhas pesquisas, são uma ameaça para a vida marinha e todo o meio ambiente. – afirmou a Lola.

- O que vamos fazer? – perguntou a médica.



CAPÍTULO 6



O Peixe Gigante lembrou-se então do seu amigo cientista, Ice o Golfinho, que vivia no estuário do rio Sado, o único rio português que corre de sul para norte.

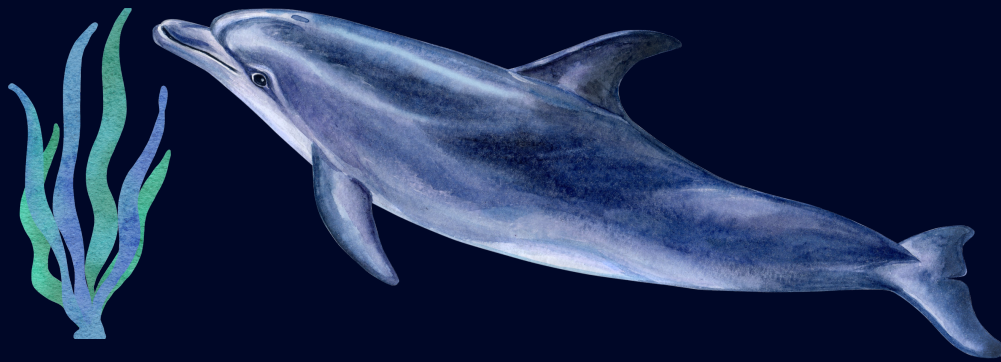
- Eu tenho a certeza que o meu amigo consegue criar uma poção para salvar Mirabela. Se vocês concordarem, eu vou ter com ele. O que me dizem? - perguntou o Peixe Gigante.

- Vai, vai o mais rápido que puderes! Vai numa barbatana e volta noutra com a cura para Mirabela. - disseram os amigos.

Nadando por entre rochas, bancos de areia, pradarias de algas esverdeadas e acastanhadas, lá chegou ao seu destino. Encontrou o seu amigo muito atarefado, no seu laboratório, entre provetas e caldeirões fumegantes.

- Bom dia, meu amigo! Preciso muito da tua ajuda...

- Já sei! - interrompeu o Golfinho. - Eu captei a vossa conversa com o meu radar ultrassónico e já estou a terminar a cura para a Mirabela. E, virando-se para a bancada de trabalho, pegou numa alga multicolor. Com muito cuidado, colocou-a por baixo da barbatana dorsal do seu amigo Peixe Gigante, recomendando-lhe:



- Diz à nossa amiga para mastigar muito bem esta alga durante quarenta e cinco segundos, findos os quais, a cor da cauda voltará a ficar colorida.

- Obrigado, amigo. Daremos notícias. – disse o Peixe Gigante despedindo-se do Golfinho.

Entretanto, os alunos de uma escola estavam a fazer a limpeza na praia do Forte do Cão, em Âncora, quando avistaram por entre as ondas uma mancha colorida que não conseguiram identificar.

- O que será aquilo? – perguntaram. Era o Peixe Gigante que estava a chegar. Foi ter com a Médica Coelha do Mar que, rapidamente, colocou a alga na boca da fragilizada Mirabela.

- Vai mastigando que eu vou cronometrando o tempo – disse-lhe o Peixe Gigante. Lola e os amigos fixaram os seus olhares ansiosos na cauda da Sereia e ... eis que as cores começaram a ficar cada vez mais vivas. Mirabela levantou-se do seu leito e agradeceu com uma voz melodiosa, como nunca se ouvira!

- Mirabela está curada! Mirabela está curada! – exclamaram todos contentes.
- Vamos tratar dos microplásticos.



CAPÍTULO 7





Na manhã seguinte, soprava uma suave brisa marinha e pairava no ar um aroma de frescura. Na praia, ouvia-se os gritos longínquos das gaivotas e o eco do golfinho Ice.

- Ocorreu-me uma ideia- exclamou o golfinho animadíssimo.
- Vou levar umas amostras dos microplásticos ao professor Neptuno.
- Eu vou contigo! - interrompeu o aventureiro Sushicat.

- Tenho a certeza que vai saber o que fazer, ele sabe tudo! - disse o Ice enquanto continuava a sua recolha.

Então nadaram, nadaram até chegar à Escola Subaquática de Ciências Marinhas e Humanas, a escola onde as criaturas marinhas estudam tudo acerca do seu ecossistema e dos seres humanos.

Foram direitinhos ao gabinete do professor que estava a preparar as suas aulas. Parecia ocupado e não viu que eles entraram

- Bom dia Professor! - disse o Ice.
- Ah, muito bom dia meus queridos... Suschicat... Ice!



O Professor Neptuno era um polvo. Já tinha alguma idade. Já ensinava naquela escola há muuuuito tempo. Mas adorava dar aulas, adorava o mundo subaquático e adorava os seres humanos também. Por isso, continuava a divulgar e a espalhar o seu conhecimento sobre eles.

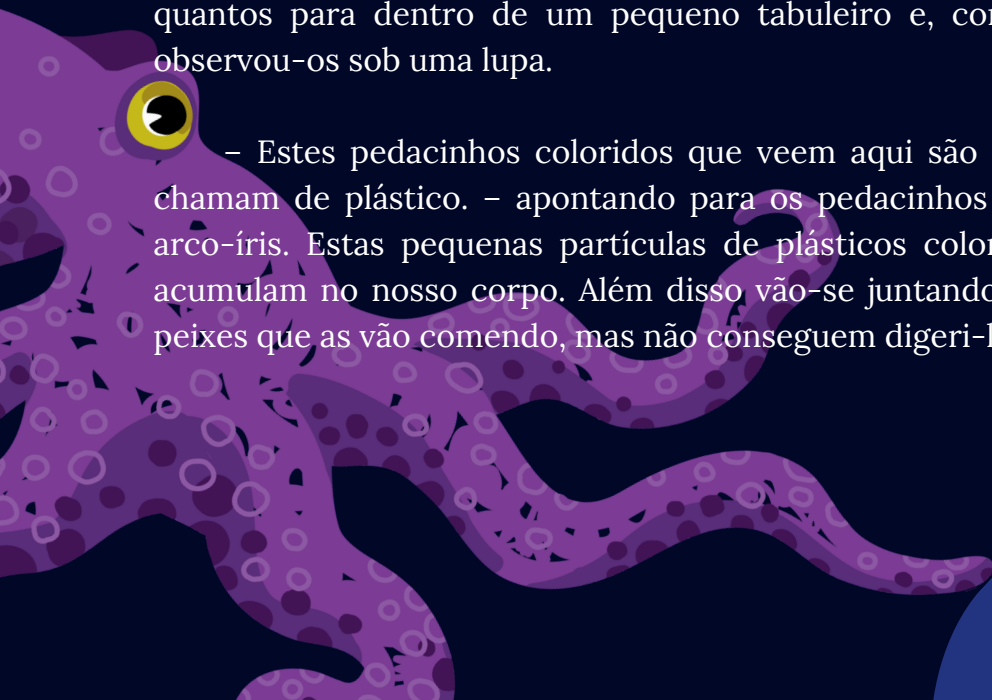
– Então, que vos traz hoje? A vossa aula é só daqui a dois dias, não é?

O Golfinho prontamente mostrou as amostras ao professor e a sua testa franziu-se de preocupação.

– Sigam-me! – disse o professor para eles.

Nadaram até à sala ao lado, o laboratório, onde o professor pousou os microplásticos numa mesa. Foi depois buscar um microscópio, transferiu uns quantos para dentro de um pequeno tabuleiro e, com a ajuda de um pincel, observou-os sob uma lupa.

– Estes pedacinhos coloridos que veem aqui são aquilo a que os humanos chamam de plástico. – apontando para os pedacinhos de plástico das cores do arco-íris. Estas pequenas partículas de plásticos coloridos têm toxinas que se acumulam no nosso corpo. Além disso vão-se juntando, juntando, juntando e os peixes que as vão comendo, mas não conseguem digeri-las e acabam por morrer.



Mas vamos imaginar: um pequeno peixinho come um bocado de plástico, o peixinho maior que come este peixinho a seguir, também come plástico. E o peixe que come o peixinho maior também, e o peixão que come o peixe também. E o tubarão que come o peixããããã... Percebem o problema? O plástico não afeta só um de nós que come um bocadinho, afeta todos nós. E, no fundo, afeta quem come o peixe no final!

– Aaah, estou a perceber! balbuciou o Sushicat. Então isso quer dizer que o plástico dos oceanos afeta os próprios humanos que o poluem, porque são eles os responsáveis por tanto plástico no mar, e são também eles que comem esse mesmo plástico quando comem peixe!

– Pois é! Exatamente Sushi! Estes pedacinhos de plástico que os seres humanos atiram para o chão sem se preocupar, tanto na praia como na água, matam tartarugas marinhas, leões-marinhos, aves marinhas, peixes, baleias...! Mas como vemos... Eventualmente, este lixo volta para eles.



De repente, os dois amigos aperceberam-se do tempo que já tinham passado longe da praia.

Adeus Professor. Até depois de amanhã! – disseram.

– Então adeus meus queridos! Nadem em segurança no regresso! – Tendo quase que gritar para ser ouvido, já que os dois amigos tinham saído, nadando apressadamente.

– Temos de encontrar uma solução- sugeriu o destemido Sushicat.

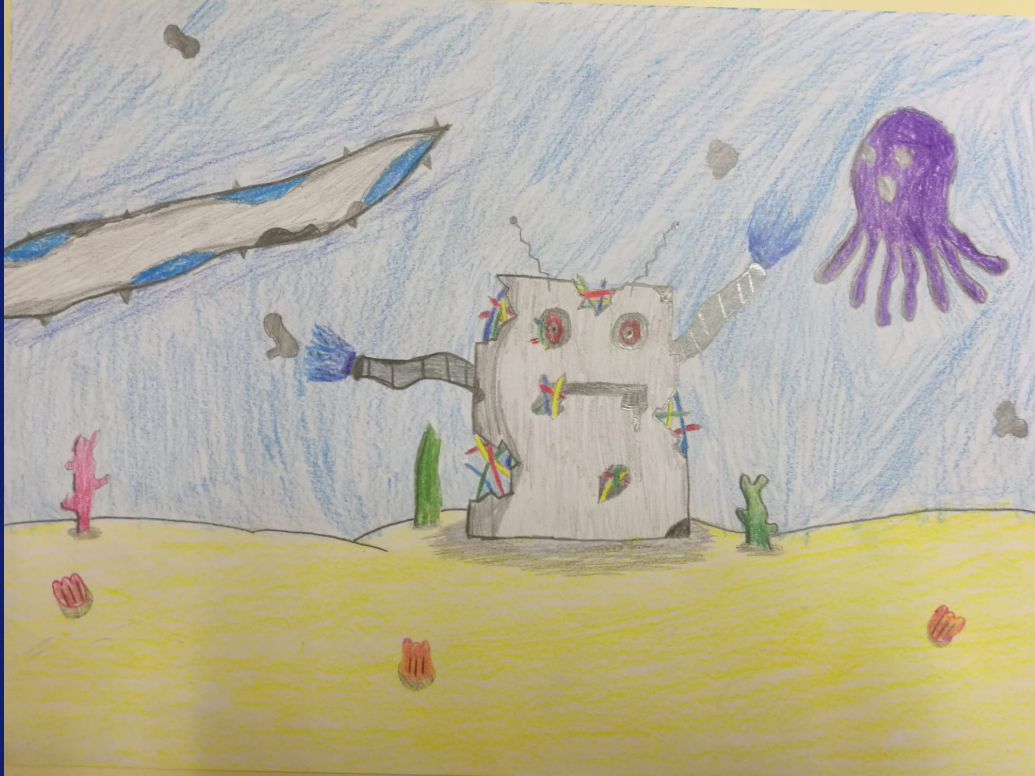
– Vamos arranjar uma forma de tirar o lixo do mar e salvar todos os nossos amigos e os corais doentes- acrescentou o golfinho.

– Acho que acabaste de me dar uma ideia genial- disse o Sushi, enquanto retirava o seu caderno de apontamentos.

– Vamos criar uma máquina de limpeza dos oceanos.



CAPÍTULO 8



Colocaram “mentes à obra” e, após contactarem com o caranguejo Juliano (porque trabalhava muito rápido com as suas pinças) e o tubarão Tapioco (porque era ótimo a farejar objetos estranhos no mar), decidiram começar a construir uma máquina de sucção de água que, simultaneamente, faz a filtragem do lixo marítimo.

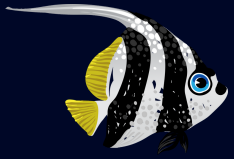
Mais uma vez foi imprescindível a valiosa colaboração do professor Neptuno. Só uma mente brilhante como a sua, esboçaria uma máquina infalível.

Trabalharam horas a fio, por turnos, para nunca pararem, já que a ajuda para salvar o oceano e os seres que nele habitam, é urgente.

Passaram 48 horas e o projeto estava praticamente concluído. Todos precisaram de descansar algumas horas, pois estavam exaustos, à exceção do polvo que se ofereceu para continuar a tarefa. Tudo corria bem, até que ele se apercebeu que faltava uma peça fundamental para o aparelho de sucção. “Já sei! Tenho a certeza que a encontrarei naquele barco de pesca há tanto tempo afundado.”

Eis que surge uma criatura assustadora, o Monstro do Mar Negro, que ao ver tamanha invenção para limpar os oceanos, decidiu destruí-la desferindo pancadas com a cauda e cobrindo toda a invenção com um líquido viscoso ácido e preto. “Está tudo destruído! Vou partir antes que alguém me veja”





Logo que os amigos acordaram, dirigiram-se para a máquina cheios de vontade de a terminar. Chegados ao local:

- Que aconteceu! Que desgraça! Está tudo destruído! – exclamaram em unísono.

- Já não há forma de a reconstruir! – referiu o Juliano.

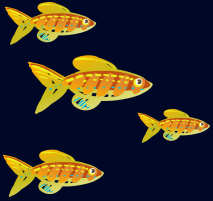
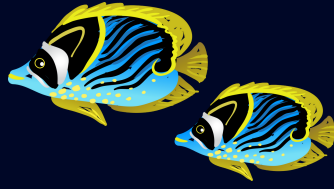
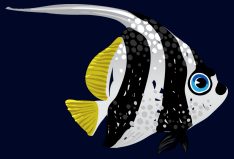
- Temos que encontrar uma nova solução, urgente, para ajudar o ecossistema marinho. Vamos todos pensar! – disse o Sushicat.

O Juliano, enquanto olhava para a máquina destruída, reparou numa tinta preta agarrada a algumas peças e disse:

- Não posso acreditar! Não vejo o polvo e ele não quis descansar connosco. Só pode ter sido ele!

- Achas? Ele é nosso amigo?! – mencionou o Golfinho.

- Só pode ter sido ele! Não vai mais pertencer ao nosso grupo. – informou o Sushicat



O Golfinho voltou a reforçar:

- Não devemos acusar alguém sem provas. Não estás a ser correto!

Enquanto discutiam a inocência ou culpa do polvo, o Juliano tem uma brilhante ideia:

- Já sei! Numa última tentativa, vou contactar o meu amigo Jato de Água para ver se nos auxilia na limpeza.

CAPÍTULO 9



E assim foi. O Juliano correu tanto que parecia o homem mais rápido do mundo, o Usain Bolt ou talvez o comboio bala. Quando chegou encontrou o Jato de Água a fazer as suas tarefas diárias, limpar o limo das rochas para os humanos não escorregarem.

-Olá, amigo Jato! Como estás? -perguntou o Juliano.

-Olá, Juliano. Estou bem. Já não te via a algum tempo. O que fazes por aqui!!!- exclamou o Jato.

-Preciso da tua ajuda para limpar o nosso mar, está todo poluído com microplásticos. - declarou o Juliano.

- Não acredito!!! Como é possível, ainda ontem ajudei os alunos da Escola Básica de Caminha na limpeza da praia. Apanhamos imensos plásticos que iriam parar ao mar. Como é possível ainda haver tanta poluição! - exclamou o Jato.

-Vamos numa corrida, pois a situação é muito urgente e requer a nossa ajuda. - disse o Jato muito ofegante.

Pelo caminho encontraram a Mirabela que também quis ajudar. Quando chegaram, a sereia como tinha uma voz melodiosa começou a cantar uma melodia mágica que só ela sabia e, da sua cauda saíam raios coloridos e cintilantes. Todos ficaram surpreendidos com o que estava a acontecer.

De repente, a Mirabela deixou de cantar e por magia a máquina começou a reconstruir-se sozinha, voavam peças, enroscavam-se sozinhas e cintilavam cores por todos os lados.

-Uah! Uah! Que maravilha. Gritavam todos. Nunca tinham visto tanta magia e com tantas cores.

Entretanto, surgiu das profundezas um ser estranho, era o Monstro do Mar Negro, todos ficaram horrorizados com aquela visão. O monstro preparava-se para destruir novamente a máquina com a sua cauda quando apareceu o polvo, lançando-lhe a peça de sucção que tinha ido buscar. Com a ajuda do Jato de Água conseguiram enviar o monstro para além das profundezas. E nunca mais foi visto.

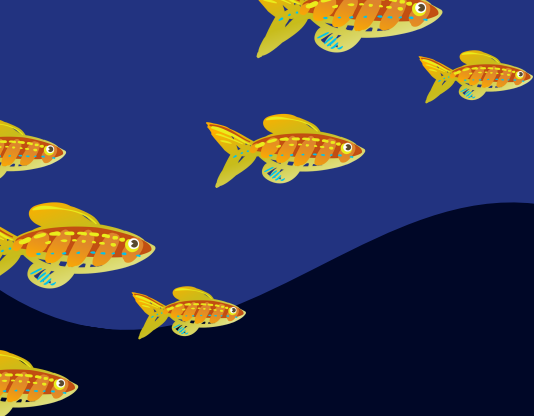
Era tanta a alegria que se tornou numa festa, mas de repente o Juliano ficou quieto, pois ainda havia muito para fazer.



Então o Jato de Água, foi a correr buscar a peça de sucção que o polvo tinha atirado, colocou-a na máquina e esta começou a funcionar. Tal era a rapidez de sucção que num segundo tudo ficou como uma pérola, reluzente e linda! Os corais tinham voltado à sua forma, estavam muito vistosos e coloridos como nunca ninguém os tinha visto, parecia um mundo encantado.

Para festejar, organizaram uma festa onde todos participaram e, a partir desse dia prometeram estar mais atentos, para que não volte a ficar poluído o seu habitat. Também decidiram criar a brigada “@mar” e prometeram organizar um encontro entre eles e as crianças do conelho, para limpar e proteger o mar de todos os perigos que podem prejudicá-lo





Então o Jato de Água, foi a correr buscar a peça de sucção que o polvo tinha atirado, colocou-a na máquina e esta começou a funcionar. Tal era a rapidez de sucção que num segundo tudo ficou como uma pérola, reluzente e linda! Os corais tinham voltado à sua forma, estavam muito vistosos e coloridos como nunca ninguém os tinha visto, parecia um mundo encantado.

Para festejar, organizaram uma festa onde todos participaram e, a partir desse dia prometeram estar mais atentos, para que não volte a ficar poluído o seu habitat. Também decidiram criar a brigada “@mar” e prometeram organizar um encontro entre eles e as crianças do concelho, para limpar e proteger o mar de todos os perigos que podem prejudicá-lo

